

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

OFICINAS DE PSICOLOGIA EM UMA ESCOLA ABERTA: TRABALHANDO A ENTRADA NA ADOLESCÊNCIA¹

Joana Missio², Dorian Mônica Arpini³, Renata Petry Brondani⁴, Camila Kostulski Almeida⁵, Fabiana Muller Schmitt⁶, Patrícia Paraboni⁷.

¹ Projeto de Extensão realizado no curso de Psicologia da UFSM.

² Bolsista FIPE/UFSM, aluna do curso de Psicologia da UFSM

³ Professora Doutora do Departamento de Psicologia da UFSM.

⁴ Bolsista FIEEX, aluna do curso de Psicologia da UFSM.

⁵ Bolsista CAPES, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM

⁶ Aluna do curso de Psicologia da UFSM

⁷ Bolsista CAPES, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é entendida como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, marcada por transformações corporais, psicológicas e sociais. Segundo Calligaris (2000), o adolescente se olha no espelho e se acha diferente, constata que perdeu aquela graça infantil que parece garantir o amor incondicional dos pais/adultos. Essa perda não é recompensada com um novo olhar que o reconheça como adulto. Conforme Gaspar, Lorenzutti e Cardoso (2006), o adolescente se defronta com inúmeras situações conflitantes, que exigem dele um trabalho de luto de sua condição infantil.

O presente trabalho traz uma experiência de oficinas com crianças e adolescentes, de 10 a 13 anos, realizadas em uma Escola Aberta. Essa modalidade de Escola visa promover um espaço de aprendizagem para jovens que estão fora do sistema educacional regular ou que não conseguiram se adaptar em uma escola regular, e que foram/são expostos a diversos fatores de risco durante o seu desenvolvimento. Os participantes das oficinas, que estão ingressando na adolescência, também se encontram em situação de exclusão social.

Considera-se que “toda a adolescência é caracterizada por inúmeras vivências de violência – vivências traumáticas” (GASPAR; LORENZUTTI; CARDOSO, 2006, p. 147), uma vez que esses sujeitos são assolados por transformações corporais e emocionais que não conseguem controlar. No caso dos alunos dessa Escola Aberta, ainda há o fato de se encontrarem em situação de exclusão social e, além disso, tem suas histórias de vida marcadas por abandono, violência, uso de drogas, vivência de rua, dentre outros aspectos. Dessa forma, como o adolescente dá conta dessas vivências estando inserido em contextos sociais violentos? Afinal, a adolescência por si só já comporta uma dimensão violenta para o psiquismo. Logo, esses adolescentes estão inseridos em um meio social violento, que possivelmente, trará dificuldades ao seu processo de “adolescer”. Savietto (2010) ressalta ser essencial o suporte parental nessa transição, principalmente para que o adolescente possa investir em novas relações e novas referências, podendo se distanciar dos pais da infância e se voltar para novos objetos de amor. Porém, as vivências de violência sofrida podem comprometer esse suporte parental e/ou não oferecer suporte alternativo algum, deixando esses adolescentes à mercê de seus próprios conflitos, sem condições de lidar com eles sozinho.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

Torna-se, então, relevante abordar questões referentes à passagem para a adolescência com esses alunos que, em sua maioria, não possuem o suporte necessário para lidar com as bruscas transformações características dessa fase. Portanto, com as oficinas, objetivou-se promover às crianças e aos adolescentes da Escola um espaço de expressão e elaboração dos sentimentos que permeiam essa transição.

2. METODOLOGIA

São desenvolvidos, desde 2012, três tipos de oficinas na Escola Aberta: com as meninas, com os meninos mais novos (10 a 13 anos) e com os meninos mais velhos (14 a 17 anos). As oficinas de que se ocupa este trabalho são as oficinas com os meninos mais novos, realizadas quinzenalmente, tendo duração aproximada de 50 minutos. A Escola atende poucos alunos, pois visa um trabalho mais individualizado. Deste modo, participam das oficinas da psicologia em média de 3 a 5 meninos. Salienta-se que a participação nas oficinas não é obrigatória. Nessas oficinas, um dos temas que se trabalha é aquele da adolescência e como ela vem se apresentando para eles, através de jogos, dinâmicas, desenhos, cartazes e outros materiais lúdicos. A escolha das ferramentas lúdicas se deu pela importância das mesmas, pois conforme destaca Winnicott (1975), o brincar é universal, promove saúde, conduz aos relacionamentos grupais e promove a comunicação consigo mesmo e com os outros. Junto às atividades, usa-se o diálogo - a fala e a escuta - como instrumento imprescindível para a formação de vínculos com os participantes e para a promoção de significação dos conteúdos trazidos por eles.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as oficinas, ficou evidente a dificuldade dos participantes em pensar em si como adolescentes, pois preferiam sempre falar sobre a infância, quando questionados sobre qual dos dois assuntos gostariam de abordar. Além disso, disseram, por diversas vezes, que ser criança é melhor que ser adolescente, usando como principais argumentos “poder brincar” e “ganhar presentes”. Em certo momento, um dos participantes disse que ainda considera ser criança, mas logo em seguida relatou ter uma namorada, e que isso, era “coisa de adolescente”, mostrando certa dúvida em se reconhecer como criança ou adolescente. Então, com muita resistência, ele disse: “tá, então eu sou pré-adolescente”. Essa dificuldade pode ser entendida, primeiramente, como um receio de encarar mudanças – estranhas à criança - que parecem estar se aproximando cada vez mais de suas vidas. Depois, podem também estar com dificuldades no processo de separação dos pais rumo à autonomia. Afinal, eles são constituintes do próprio sujeito e abandoná-los para olhar para outras referências é como deixar pra trás um pedaço de si, processo que pode trazer sofrimento. Cabe ressaltar que alguns participantes relatam viver em acolhimento institucional ou terem vivenciado violência familiar. Sem o apoio familiar estabelecido anteriormente, o adolescente sente ainda menos segurança para abandonar sua condição infantil e lançar-se a novas experiências.

Percebeu-se, também, em alguns participantes, a falta de tolerância à frustração das situações, marcada por atitudes impulsivas e agressivas, tanto para consigo, quanto para com os colegas. Por vezes, essas atitudes podem ser consideradas como “passagens ao ato”, quando a atuação, enquanto posição de atividade, está a serviço de tentar anular a impotência frente às dificuldades internas de

Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVII Jornada de Extensão

tolerar, dentre outros aspectos, a frustração, a quebra do ideal de perfeição e o próprio outro (SAVIETTO, 2010). Isso ocorreu, por exemplo, quando um aluno “errou” o seu desenho. Ele se sentiu extremamente irritado, empurrando para longe seu desenho e saindo da sala com postura agressiva, dizendo que não queria mais. Por diversas vezes, presenciou-se, também, participantes dizendo algo provocativo a outros, gerando situações de indignação e agressões verbais e/ou físicas.

Em ambas as situações, isso acontece porque, de fato, sentem-se não só impotentes e passivos nas situações exemplificadas acima, mas também pela dificuldade e até mesmo impotência em lidar com as mudanças que estão passando na entrada para a adolescência. Há, nesse cenário, segundo Savietto (2010), uma insuficiência do aparelho psíquico em dar conta do excesso de excitação, causado por esses conflitos, gerando uma situação de desamparo. É esse desamparo que move a “passagem ao ato”, como uma descarga de algo que o psiquismo não conseguiu lidar. Nesses momentos, tenta-se estabelecer o diálogo, de forma que eles percebam as consequências de suas atitudes e possam vislumbrar as vantagens de prosseguir na atividade que estava sendo realizada.

As crianças e os adolescentes trazem para as oficinas inúmeras vivências de exclusão e violência, principalmente atos que eles mesmos cometeram. Orgulham-se em relatar situações em que andaram de moto sozinhos, mesmo sem que tenham idade para esta atitude, pegaram em uma arma ou facão, bateram em alguém, usaram drogas, entre outros. Arpini (2003, p. 40) explica que esses sujeitos “são facilmente identificados como aqueles que ocupam o lugar de ameaça, do mal-estar, do perigo, daqueles que colocam em risco o bom funcionamento social”. Isso mostra que os participantes da oficina têm um ganho ao relatarem seus “feitos”, eles impactam, capturam o olhar e a atenção do outro e, muitas vezes recebem alguma forma de reconhecimento. A autora ainda considera que esses adolescentes precisam estabelecer uma incessante busca pelo reconhecimento, partindo do pressuposto de que “quem é malandro obtém sucesso; esse é o modelo para os adolescentes, é o espelho que a sociedade oferece” (ARPINI, 2003, p. 45).

Birman (2006) corrobora com essa ideia, pois ressalta que mostrar essa “força” para os outros seria a única forma de esses adolescentes acreditarem na sua potência, visto que a impotência é a principal característica das condições psíquicas e sociais em que se encontram. Faz-se na oficina, então, a escuta desses “feitos”, explora-se a situação e os sentimentos por trás dela, e se tenta mostrar outras possibilidades de reconhecimento. Resgata-se, por exemplo, o sucesso dos alunos nas outras oficinas que a Escola oferece, como padaria, papel reciclado, cabeleireiro, etc. É salientado também a eles as suas potencialidades artísticas percebidas nas oficinas, de modo que sejam reconhecidos e olhados de outra forma.

Desde o início do trabalho, a Escola tem avaliado a inserção da Psicologia, nesse formato de oficinas, de forma muito positiva, de modo que se mostra sempre aberta para dialogar com as extensionistas e apoia as atividades realizadas. Os alunos avaliam as oficinas da mesma forma, dispostos a participarem e ansiosos pelo dia de suas oficinas. Conseguiu-se a formação de um vínculo entre as extensionistas e os alunos, sendo que estes as veem como referência de alguém para ter uma conversa sobre o que se passa em suas vidas. Como limitação, encontra-se apenas a inconstância dos alunos na Escola, e, conseqüentemente na oficina, fato que impede certa continuidade e linearidade no trabalho. Alguns alunos faltam muito ou saem da Escola com a mesma rapidez que alguns novos entram, fazendo com que o grupo se reconfigure muito frequentemente. Ainda assim, busca-se levar em consideração tal aspecto, de maneira que as temáticas e atividades propostas em uma oficina não dependam necessariamente da anterior,

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XVII Jornada de Extensão

alcançando igualmente resultados satisfatórios que contribuem para uma convivência mais saudável no meio social como um todo, favorecendo condições de cidadania e inclusão.

4. CONCLUSÃO

Acredita-se proporcionar, por meio das oficinas da psicologia, o espaço de expressão de sentimentos e de diálogo de que necessitam os alunos que estão nesse momento de transição da fase da infância para a adolescência, bem como para os que já se encontram nessa etapa de crise, conflitos e ressignificações. As atividades realizadas, em sua maioria lúdicas, têm auxiliado os participantes no processo de elaboração de suas vivências. É muito importante para o trabalho o amparo e a atenção que a Escola dedica às atividades da Psicologia. Esse apoio é essencial para a conquista de um espaço cada vez mais amplo de fala e de escuta dos alunos, e também de conhecimento de cada caso e contexto, para que se tenha um trabalho mais efetivo e individualizado.

5. PALAVRAS-CHAVE

Exclusão social; Criança; Jovem; Atividades lúdicas.

6. REFERÊNCIAS

ARPINI, Dorian Mônica. Violência e exclusão - adolescência em grupos populares. São Paulo: EDUSC, 2003.

BIRMAN, Joel. Tatuando o Desamparo - A juventude na atualidade. In: CARDOSO, M. R. (org). Adolescentes. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

CALLIGARIS. Contardo. A adolescência. São Paulo: Publifolha, 2000.

GASPAR, Fabiana Lustosa; LORENZUTTI, Patrícia Simon; CARDOSO, Marta Rezende. Trauma e Representação: estudo de um caso clínico. In: CARDOSO, M. R. (org). Adolescentes. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

SAVIETTO, Bianca Bergamo. Adolescência: Ato e Atualidade. Curitiba: Juruá, 2010.

WINNICOTT, Donald Woods. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.